



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

IGUALDADE DE GÊNERO E A LÍNGUA ITALIANA

Raphaele de Oliveira Lyszy Barbosa

Rio de Janeiro

2023

RAPHAELE DE OLIVEIRA LYSZY BARBOSA

IGUALDADE DE GÊNERO E A LÍNGUA ITALIANA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/ Italiano.

Orientadora: Profa. Dra. Annita Gullo

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

d238i de Oliveira Lyszy Barbosa, Raphaele
Igualdade de gênero e a língua italiana /
Raphaele de Oliveira Lyszy Barbosa. -- Rio de
Janeiro, 2023.
28 f.

Orientadora: Annita Gullo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Italiano, 2023.

1. língua italiana. 2. igualdade de gênero. 3.
sociolinguística. 4. ensino de língua. 5. análise de
material didático. I. Gullo, Annita, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Agradecer hoje é, antes de tudo, me lembrar graciosamente de cada uma e cada um que participou do meu amadurecimento pessoal, intelectual e/ou profissional durante os anos da graduação. Vocês me somaram, me transformaram, me apoiaram.

Primeiramente, gostaria de agradecer e dedicar este trabalho de conclusão de curso à minha mãe, por ter me crescido uma mulher forte e determinada a não me submeter às regras já impostas nesse mundo majoritariamente governado por homens, a escrever a minha história com as atitudes e palavras que eu quiser, prezando a ética e com muito dedicação. Você, mãe, me mostra diariamente que nós podemos e devemos lutar pelo nosso protagonismo porque somos fortes, somos Mulheres.

Agradeço à minha querida amiga Vitoria Alencar, por todas as discussões. Foi, por muitas vezes, a nossa amizade o meu refúgio – necessário – ao longo da minha graduação.

Obrigada, família, Maria Helena, Caroline, Isabela, João Pedro e Raphael. Obrigada, Rosângela pelo acolhimento.

Agradeço também a todo o corpo docente da UFRJ, em especial à minha cara orientadora Annita Gullo e ao querido professor Carlos Sobral. Vocês me guiaram pessoal e profissionalmente e continuarão me inspirando sempre.

Além disso, agradeço ao CNPq pelo fomento da minha pesquisa.

Antonio, *grazie di cuore, tesoro*, pelo apoio, escuta e amor no decorrer dos últimos anos.

Amo vocês.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	6
2 – IGUALDADE DE GÊNERO NA ITÁLIA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	8
3 – O SEXISMO NA LÍNGUA ITALIANA: UMA VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA.....	10
3.1 – ALMA SABATINI.....	10
3.2 – CECILIA ROBUSTELLI	11
3.3 – VERA GHENO.....	13
4 – OS PROBLEMAS DA IGUALDADE DE GÊNERO PERPASSAM A LINGUAGEM: UMA BREVE ANÁLISE METALINGUÍSTICA	15
5 – ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO E RECOMENDAÇÕES PARA O ENSINO DE ITALIANO NO BRASIL PLURAL, CRÍTICO E INCLUSIVO	23
6 – CONCLUSÃO.....	27
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
7.1 REFERÊNCIAS.....	28
7.2 SITES CONSULTADOS	29
7.3 REFERÊNCIAS RECOMENDADAS	29

1 - INTRODUÇÃO

2020. Foi durante uma reunião com meu orientador, quando eu já ministrava aulas de italiano no CLAC/UFRJ¹ e estávamos analisando o livro didático utilizado pelo curso, a saber *Nuovo Espresso*, que fui exposta pela primeira vez à discussão que será apresentada nesta monografia.

Na seção de exercícios extras do livro estava escrito “*In italiano i nomi delle professioni hanno spesso forme uguali per il maschile e per il femminile, per es. medico, sindaco, architetto, ecc. [...]*”².

Naquela reunião, disse ao meu orientador que sempre utilizei o gênero feminino para essas profissões, ou seja, “*medica, sindaco e architetta*” e, primeiramente, acreditei que pudesse se tratar de um fenômeno conhecido como interlíngua, uma variedade criada pelo falante de uma língua alvo, na qual esse mistura regras que coincidem seja com àquelas da língua alvo que da L1 (PALLOTTI). Todavia, mantive a curiosidade sobre o fenômeno e então, junto à Professora Dra. Annita Gullo, pesquisamos durante dois anos (IC fomentada pelo CNPq) o uso do gênero feminino na língua italiana, fundamentando-nos na sociolinguística.

Sendo assim, com o efeito desses anos, a presente monografia tem como objetivo apresentar a discussão sobre a igualdade de gênero na língua italiana desde a década de 80 até os dias atuais e apresentar a importância da aplicação dos resultados e desdobramentos dessa discussão para um ensino de língua e cultura italianas crítico e inclusivo no Brasil. A fim de elucidar dois conceitos importantes para o tema, no decorrer do texto trabalhamos com os conceitos de língua e linguagem atribuídos por Dardano e Trifone (1995)

Il linguaggio è l'insieme dei fenomeni di comunicazione e di espressione che si manifestano sia nel mondo umano sia al di fuori di esso. [...] In senso proprio il linguaggio si distingue dalla lingua. La lingua è il modo concreto e storicamente determinate) in cui si manifesta la facoltà del linguaggio. (DARDANO E TRIFONE, 1995, p. 1-2)³

¹ Cursos de Línguas Abertas à Comunidade da Faculdade de Letras da UFRJ.

² “Em italiano os nomes das profissões têm frequentemente formas iguais tanto para o masculino quanto para o feminino, por exemplo, médico, síndico, arquiteto, etc. [...]” (NUOVO ESPRESSO, 2014, p. 152, tradução nossa).

³ A linguagem é o conjunto de fenômenos de comunicação e de expressão que se manifestam seja no mundo humano seja fora desse. [...] Enquanto tal, a linguagem se distingue da língua. A língua é o modo concreto e historicamente determinado, cujo se manifesta a faculdade da linguagem. (DARDANO E TRIFONE, p.1-2, tradução nossa).

E a metodologia do trabalho é fundamentada na área da sociolinguística, amparada pelas obras de Sabatini (1987-1993), Robustelli (2000;2012;2020) e Gheno (2019;2021).

Além disso, baseamo-nos para discutir o processo de aquisição/aprendizagem, mais especificamente do italiano como língua adicional no Brasil as obras de Landulfo *et al* (2018) e Landulfo (2019). Por fim, temos como obras de suporte linguístico a *Grammatica Italiana con nozione di linguistica* de Dardano e Trifone (1995), de vocabulário *Il Devoto-Oli dei sinonimi e contrari con analoghi, generici, specifici, inversi e gradazioni semantiche* de Trifone (2013) e de análise de livro didático de italiano para estrangeiras/os, especificamente, o usado no CLAC/UFRJ, *Nuovo Espresso* (2014).

Por conseguinte, os próximos capítulos desta monografia abordarão respectivamente, uma breve contextualização histórica do direito das mulheres italianas e na Itália, a argumentação de linguistas italianas sobre o gênero feminino na língua italiana e o suposto sexismo na LI, além de análises metalinguísticas e a reverberação do fenômeno atualmente na sociedade italiana, à luz da sociolinguística e aproximando-o ao contexto sociolinguístico brasileiro.

No quinto capítulo, analisaremos o livro didático e proporemos algumas recomendações para desenvolver e promover a igualdade de gênero no processo de ensino e aprendizagem, um comportamento necessário para as mudanças necessárias na nossa sociedade-mundo (LANDULFO; 2019).

2 – IGUALDADE DE GÊNERO NA ITÁLIA: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Durante séculos, às mulheres foi permitido participar apenas da vida privada, impostas ao segundo plano. O protagonismo estava presente somente na submissão ao lar, à instituição família. A vida pública era centrada numa cultura machista, promovida e focada na figura masculina.

Na Itália, é somente no final do século XVIII, século do *Risorgimento italiano*, que as mulheres garantem um direito humano fundamental: o direito à instrução. No século seguinte, com a Lei *Sacchi*, de 1919, a lei marital é abolida e as mulheres obtêm o direito de trabalhar em órgãos públicos, com exceção do magistério, política e exército.

Em 1945, é conquistado o direito ao voto⁴ – 71 anos após o direito à instrução (Ensino Médio) – graças à articulação de mulheres em movimentos sociais como *Unione Donne Italiane* e *Centro Italiano Femminile*, partidos políticos, do vice-presidente do Conselho e do ministro de Relações Internacionais. Em 1946 é publicado no decreto nº 74 o direito às mulheres de serem votadas.

Com a Lei nº 66, publicada em 9 de fevereiro de 1963, as mulheres alçam uma importante conquista no que tange as profissões:

Una breve legge, di soli tre articoli, che cambia completamente la situazione delle donne nel mercato del lavoro aprendole possibilità che, fino ad allora e malgrado l'entrata in vigore della Costituzione, le erano precluse. La legge recita: Art. 1: “La donna può accedere a tutte le cariche, professioni ed impieghi pubblici, compresa la Magistratura, nei vari ruoli, carriere e categorie, senza limitazioni di mansioni e di scioglimento della carriera, salvo i requisiti stabiliti dalla legge”. (JERVOLINO, 2012, p. 25)⁵

⁴ É importante citar que no primeiro decreto, prostitutas ainda não podiam votar. Esse direito é ampliado a todas as mulheres, sem exceção, na Constituição Italiana em vigor a partir de 22 de dezembro de 1947.

⁵ É uma breve lei, de apenas três artigos, que muda completamente a situação das mulheres no mercado de trabalho, abrindo-lhes uma possibilidade que, até agora, apesar da entrada em vigor da Constituição, lhes eram impedida. A Lei diz: Art. 1: “A mulher pode acessar todos os cargos, profissões e empregos públicos, compreendida a Magistratura, nos vários papéis, carreiras e categorias, sem limitações de funções e de cessação da carreira, salvo os requisitos estabelecidos pela lei”. (JERVOLINO, 2012, p. 25, tradução nossa).

Esses e outros importantes dados são apresentados pela Fundação Nilde Iotti no livro *Le leggi delle donne che hanno cambiato l'Italia*, com o qual colabora Rosa Jervolino, autora do trecho supramencionado.

Embora na década de 1980 as mulheres italianas já houvessem conquistado todos os direitos preditos, muitas/os falantes da língua italiana - doravante LI - e instituições tiveram dificuldades em acompanhar as mudanças sociais e se mantiveram conservadoras no que tange à atualização natural e necessária da língua. Apesar disso, foi nessa mesma década que foi publicado o trabalho pioneiro sobre sexismo linguístico e promoção à igualdade de gênero na LI.

3 – O SEXISMO NA LÍNGUA ITALIANA: UMA VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA

O sexismo na língua italiana começa a ser amplamente discutido desde o livro de Alma Sabatini – considerada pioneira na temática – com a colaboração de Marcella Mariani e a participação de Edda Billi e Alda Santangelo, nomeadamente *Il sessismo nella lingua italiana*.

Atualmente, há centenas de pesquisas sobre o tema na Itália e cientes da necessidade de uma delimitação na presente monografia, dentre tantas pesquisadoras e pesquisadores que estudaram e/ou ainda estudam o objeto com excelência, privilegamos no nosso recorte, além de Alma Sabatini, as linguistas Cecilia Robustelli e Vera Gheno.

Assim, iniciamos a recuperação da investigação sobre a relação entre sexismo e LI à luz da sociolinguística, dos anos 80 até os dias atuais.

3.1 – ALMA SABATINI

Em 1987 foi publicado, a cura de Alma Sabatini – linguista e ativista dos direitos civis (1922-1988) –, *Il sessismo nella lingua italiana* para a Presidência do Conselho dos Ministros e a Comissão Nacional para a Igualdade e Oportunidades Iguais entre homem e mulher com o objetivo de refletir junto à política, imprensa e sociedade italianas o papel da LI na manutenção de uma sociedade sexista.

Após uma contextualização histórica sobre o sexismo linguístico no mundo e na Itália e a explanação dos métodos de pesquisa utilizados, os capítulos da obra se dividem na corpora da pesquisa – a saber a linguagem da imprensa e a formulação dos anúncios de ofertas de trabalho – e o seu resultado no terceiro capítulo. Assim, Sabatini confirma a tese de que a LI pode, de fato, promover o sexismo a considerar o uso da LI na sociedade italiana.

O livro divide a análise sociolinguística do fenômeno estudado em dois grupos, a saber dissimetrias gramaticais e semânticas que são divididos em novos subgrupos. A dissimetria gramatical compreende o uso do masculino genérico (em substantivos como *uomini, fratelli, fratellanza, fraternità*), a precedência do masculino nos pares opositivos (*i ragazzi e le ragazze, fratelli e sorelle*), mulheres postas como categoria social à parte (“*ventimila studenti... anziani e donne...*”), uso de diminutivo, discordância gramatical (*il senatore Susanna Agnelli, “Laura*

Remiddi... avvocato ed esperta di diritti di famiglia...”), modificador “mulher” (*donna sindaco, donna ministro*), o sufixo -essa (*professore/professoressa, studente/studentessa*) e o uso dissimétrico de nomes, sobrenomes e títulos (*la signora Gandhi*).⁶ A dissimetria semântica discute o uso de adjetivos, substantivos, formas alteradas e verbos que condensam os esteriótipos da mulher italiana na sociedade.

Após a análise, Sabatini escreve *Raccomandazioni per un uso non sessista della lingua italiana*, um texto que tem como objetivo ser a base para uma pesquisa mais ampla sobre o sexismo linguístico na LI e que obtém seu resultado. Nesse capítulo tem-se uma lista de formas linguísticas a serem evitadas e aquelas recomendadas. As palavras que não constavam nos dicionários da LI foram gramaticalmente construídas, seguindo regras de substantivos/adjetivos já existentes.

Sobre as recomendações Sabatini reforça que

Ciò che conta non è, quindi, il puro e semplice uso della parola diversa come “*lip service*”, bensì un cambiamento più sostanziale dell’atteggiamento nei confronti della donna, un senso che traspaia attraverso la scelta linguistica. (SABATINI, p.97)⁷

Antecipando assim, a refutação para afirmações, até hoje comuns e que veremos no quarto capítulo desta monografia, de que a reflexão linguística e a escolha por um vocabulário não influenciaria mudanças substanciais na sociedade e de que existem temas mais importantes para serem tratados no que tange à igualdade de gênero.

Hoje, 30 anos após a publicação do livro, a Itália continua discutindo a importância, promoção e aplicação de uma linguagem não sexista a fim de incluir plenamente as mulheres na vida pública e eliminar os esteriótipos que esse gênero carrega na língua e a partir dessa.

3.2 – CECILIA ROBUSTELLI

⁶ Todos os exemplos mencionados foram extraídos do texto original *Il sessismo nella lingua italiana*.

⁷ O que conta não é, portanto, o puro e simples uso da palavra diferente “da boca para fora”, mas uma mudança mais substancial do comportamento para com a mulher, um sentido que transpareça através da escolha linguística. (SABATINI, p.97, tradução nossa).

Cecilia Robustelli é uma linguista italiana, a qual pesquisa a relação entre linguagem e sociedade italiana (sobretudo no âmbito da administração pública, midiático e redes sociais) no que tange ao uso do gênero feminino na LI. Professora, é também escritora e integrante de vários livros e documentos sobre o fenômeno. Para o recorte dessa monografia utilizamo-nos do texto *Lingua e identità di genere: problemi attuali nell'italiano* (2000), dos guias *Linee guida per l'uso del genere nel linguaggio amministrativo: progetto genere e linguaggio: parole e immagini della comunicazione* (2012), *Donne, grammatica e media: suggerimenti per l'uso dell'italiano* (2014) e da entrevista de 2020 ao jornal *Il fatto Quotidiano*, intitulada “*La linguista Cecilia Robustelli: ‘Le parole discriminano le donne, ma non è colpa dell’italiano’*”.

Os guias para o uso do gênero na linguagem, foram promovidos pelos seguintes entes: município e mídia. Desde os textos de Sabatini, percebe-se que o interesse e as dúvidas pelo tema continuam por parte da administração pública e Robustelli segue uma linha de trabalho próxima àquela de Sabatini.

Já em *Lingua e identità di genere*, Cecilia defende que

Rispettare e valorizzare la pluralità dei contesti cognitivi, evitare gli stereotipi sessisti, promuovere la formazione e la cultura della differenza di genere, si configurano oggi come i capisaldi ideologici intorno ai quali strutturare i testi proposti alle nuove generazioni. Accanto al rinnovamento delle immagini della grafica e dei contenuti, è essenziale una riflessione sulla lingua, che rappresenta il principale strumento della comunicazione, così da contribuire alla formazione di una coscienza linguistica critica. (ROBUSTELLI, 2000, p. 53)⁸

Tal defesa, acreditamos, deve atravessar a barreira geográfica e ser discutida e apresentada também para alunas/os de LI como L2. A discussão mais aprofundada sobre o porquê e como apresentar a questão de gênero na LI para brasileiras/os, terá lugar nos próximos capítulos desta monografia.

⁸ Respeitar e valorizar a pluralidade dos contextos cognitivos, evitar os estereótipos sexistas, promover a formação e a cultura da diferença de gênero, se configuram hoje como os pilares ideológicos nos quais estruturar os textos propostos às novas gerações. Junto à renovação das imagens, do design e dos conteúdos, é essencial uma reflexão sobre a língua, que representa o principal instrumento da comunicação, a fim de contribuir à formação de uma consciência linguística crítica. (ROBUSTELLI, 2000, p.53, tradução nossa).

3.3 – VERA GHENO

Vera Gheno é linguista, professora, e tradutora italiana. Já colaborou com a *Accademia della Crusca* e com a editora Zanichelli. Atualmente é pesquisadora na Università degli Studi di Firenze, na qual já atuou também como professora.

Gheno estuda, entre outros temas, o uso do gênero feminino na língua italiana. Em 2019 publica o livro *Femminili Singolari*, no qual argumenta sobre a escolha que falantes de italiano fazem em relação à uma série de termos, especialmente nomes de profissões, que são comumente usados por essas/es somente no masculino, mesmo que haja a forma no feminino. Para expor os resultados de anos de pesquisa, a linguista replica comentários de pessoas usuárias das redes sociais Facebook e Twitter.

Em seu livro, Gheno afirma que as pessoas querem certezas, mas as/os linguistas não as podem oferecer o que seria um grande problema. Gheno assume e defende a importância do tema se aproximando das pessoas leitoras ao dizer que, inicialmente, ela também não acreditava que questões linguísticas fossem, de fato, determinantes na promoção da igualdade de gênero na sociedade. Na realidade, ela acreditava que era apenas mais uma ação daquilo que é considerado “politicamente correto”. Porém, após aprofundar seus estudos no tema declara

[...] le questioni linguistiche non sono mai velleitarie, perché attraverso la lingua esprimiamo il nostro pensiero, la nostra essenza stessa di esseri umani, ciò che siamo e ciò che vogliamo essere. **La lingua non è un accessorio dell'umanità, ma il suo centro.** [...] (GHENO, 2019, p. 09, grifo nosso)⁹

Compreendemos então que entender a língua como algo alheio às nossas escolhas e condicionamentos sociais é um grande equívoco. Um equívoco que pode ser entendido como a falta de letramento sobre a importância e o uso da própria língua, como se essa fosse apenas um conglomerado de regras gramaticais indiferente às questões sociais, como se a sociedade não fosse atravessada pela língua que fala e como a fala. Ou então, as pessoas que defendem essa visão, usariam tais argumentos na tentativa de frear a reflexão e, conseqüentemente, uma ampla mudança no uso da língua, que vise a igualdade e a não manutenção das relações de poder patriarcal.

⁹ As questões linguísticas não são nunca um capricho ou extravagância, porque através da língua expremimos o nosso pensamento, a nossa própria essência de seres humanos, aquilo que somos e aquilo que queremos ser. A língua não é um acessório da humanidade, mas o seu centro [...] (GHENO, 2019, p. 09, tradução nossa).

Ainda sobre a concepção do que seria o sexismo linguístico, salientamos a explicação de Gheno

Il sessismo linguistico è la manifestazione linguistica della mentalità, dei comportamenti sociali, dei giudizi e pregiudizi culturali venati di (o viziati da) sessismo. È bene chiarire che una lingua come l'italiano di per sé non è definibile sessista: può esserlo, invece, l'uso che ne facciamo. Il sessismo non sta nelle strutture e nei meccanismi linguistici, ma nelle nostre scelte di parlanti. In linea di massima, le grandi lingue di cultura – tra le quali rientra anche la nostra – contengono gli strumenti linguistici necessari per un uso non sessista; e laddove tali soluzioni non ci fossero, è possibile che con il tempo vengano implementate: in fondo, le lingue che parliamo variano al variare delle nostre esigenze di parlanti. (GHENO, 2021, p. 01)¹⁰

Há a discussão durante décadas do sexismo na – e não da – língua italiana, ou seja, a relação entre língua e sociedade e como essa última influencia as seleções da primeira feitas pelas/os falantes.

Posto isso, ressaltamos que mediante os estudos de Gheno, Robustelli e Sabatini, podemos confirmar que a LI em si não é sexista. Se considerarmos a inclusão em dicionários, a ampla discussão na academia e na sociedade sobre o tema e a preferência de muitas mulheres e homens em atualizar suas escolhas linguísticas a fim de promover um uso da LI menos preconceituoso e estereotipado, podemos inferir que aquelas e aqueles que não o fazem e já foram expostos a questão, na verdade, podem estar mantendo uma escolha ideológica ao refutar as soluções postas nas últimas décadas.

¹⁰ O sexismo linguístico é a manifestação linguística da mentalidade, dos comportamentos sociais, dos julgamentos e preconceitos culturais tingidos de (ou contaminados pelo) sexismo. É importante esclarecer que uma língua como o italiano por si só não é definida sexista: pode ser, em vez disso, o uso que fazemos dessa. O sexismo não está nas estruturas e nos mecanismos linguísticos, mas nas nossas escolhas enquanto falantes. Em geral, as grandes línguas de cultura – entre as quais está a nossa – contêm os instrumentos linguísticos necessários para um uso não sexista; e ainda que essas soluções não existissem, possivelmente seriam implementadas com o tempo: as línguas que falamos variam de acordo com as nossas necessidades como falantes. (GHENO, 2021, p.01, tradução nossa).

4 – OS PROBLEMAS DA IGUALDADE DE GÊNERO PERPASSAM A LINGUAGEM: UMA BREVE ANÁLISE METALINGUÍSTICA

“Società e lingua sono strettamente connesse, lo studio dell’una getta luce sull’altra.”¹¹

- Alma Sabatini

É muito comum às pessoas que desqualificam a discussão da igualdade de gênero na LI a afirmação de que existam assuntos mais importantes e urgentes a serem tratados no que se refere ao tema na sociedade italiana. Esse fenômeno é conhecido como *“benaltrismo”*, ou seja, a refutação por parte de algumas pessoas da importância sobre determinada questão simplesmente porque, segundo elas, existem assuntos mais graves.

Ao pesquisar o tema através dos textos teóricos, dos dados que estão incluídos nesses e também da pesquisa, fomentada pelo CNPq, na qual analisamos os comentários de pessoas que usam a rede social Instagram em publicações que abordavam questões relacionadas à igualdade de gênero na LI e manchetes de jornais italianos, percebemos que embora o tema tenha sido ampliado na sociedade por linguistas, jornalistas, pessoas políticas e outras/os profissionais e compreendido por parte das/os falantes nativas/os de língua italiana, ainda há muita resistência ou confusão sobre a legitimidade do tema e na sua aplicação linguística.

A seguir, apresentaremos uma breve análise sociolinguística a partir de uma manchete do jornal *Il fatto quotidiano* e uma publicação no Instagram do jornal *La Repubblica* (juntamente com os comentários de pessoas usuárias da rede social) sobre a mesma notícia veiculada em maio de 2021.

Figura 1 - Manchete Il fatto quotidiano

< CRONACA

“In questi ambulatori non esistono ‘signorine’, firmato Le Dottoresse”: a Frattamaggiore il cartello di protesta dei medici donna

¹¹ Sociedade e língua estão estreitamente conectadas, o estudo de uma lança luz sobre a outra. (SABATINI, p. 20, tradução nossa).

Em tradução livre temos a seguinte frase, “Nestes ambulatórios não existem senhoritas, assinado As Doutoradas”: em Frattamaggiore o cartaz de protesto dos médicos mulheres”.

O caso aconteceu em Frattamaggiore, província de Nápoles, no qual médicas reivindicam o mesmo tratamento dado pelas/os pacientes aos seus colegas de profissão homens, ou seja serem chamadas de médicas e doutoras. Já na década de 80, Sabatini descreve esse fenômeno sociolinguístico, no qual mulheres que ocupam cargos e profissões que até pouco tempo não lhes eram permitidas e/ ou dominadas por homens, não recebem o mesmo tratamento linguístico: se uma mulher exerce o cargo de *medica*, *avvocata*, *ingegnera*, etc., na maioria dos casos será chamada por senhorita/senhora ou pelo nome dessas profissões em masculino, *medico*, *avvocato*, *ingegnere* etc. Até mesmo o artigo e a concordância verbal acompanham o gênero masculino. Como igualmente relata, por exemplo, Vera Gheno em seu livro (p. 18), sobre ser chamada pelo pronome de tratamento *signora* dentro de uma sala com doutores e doutora, no caso em questão a própria Gheno, ou de dizerem *signora* em vez de *dottoressa* no ambiente acadêmico.

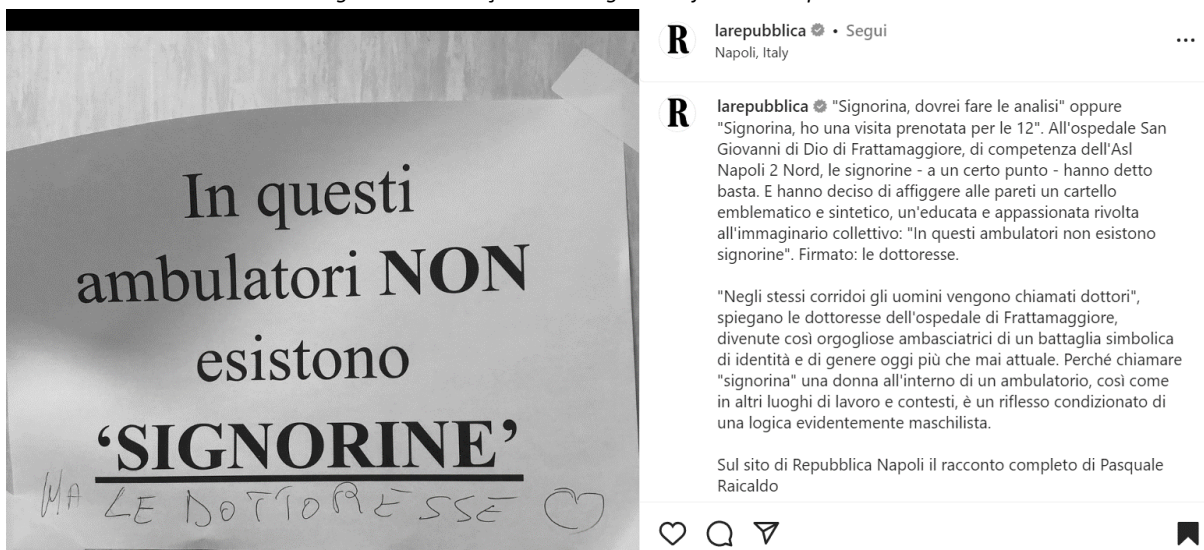
No caso da manchete, é notável que embora essa veicule o protesto das médicas, legitimando-o, ainda as apresenta como uma subcategoria de “médicos”. Há o uso do substantivo “*donne*” como modificador de “*medici*” que é masculino, quando, na realidade, além das linguistas estudadas neste trabalho, também os dicionários de LI trazem há algumas décadas o uso de *medica* para mulheres e *medico* para homens que exercem a profissão de medicina. Cabe salientar que a estrutura da LI sempre permitiu tal flexão de gênero.

Uma indagação interessante: se em determinado momento da sociedade italiana às mulheres não era permitido exercer as profissões preditas, por que essas deveriam ser representadas na LI? Se é através da língua que exprimimos aquilo que somo e aquilo que queremos ser (GHENO, 2019), podemos afirmar que tempos atrás aquilo que éramos refletia-se na ausência das mulheres em profissões socialmente atribuídas e exercidas por homens ou em cargos de liderança. Diferentemente da sociedade contemporânea, já que hoje, estamos presentes, somos presentes e, por isso, queremos e devemos ser nomeadas do modo que preferimos, que consideramos justo e que a LI permite.

E aqui, enquanto mulheres e pessoas que buscam por uma sociedade italiana com igualdade para todas, todos e todes, não falamos mais sobre mulheres italianas ou na Itália, mas de todas as mulheres que compartilham a LI seja como L1 ou língua adicional e todo o intercâmbio cultural que essa engloba e pode englobar.

Na publicação do *La Repubblica*, no Instagram, é relatado pelas médicas que “*negli stessi corridoi gli uomini vengono chiamati dottori*”,¹² legitimando assim, a reivindicação e sinalizando que a escolha entre *dottori*, *dottorresse*, *signori* ou *signore*, é condicionada – ainda que às vezes não conscientemente – ao gênero da pessoa que exerce o cargo. Abaixo, a imagem da publicação original.

Figura 2 - Publicação no Instagram do jornal *La Repubblica*



Os comentários¹³ que seguem a publicação são ótimos objetos para analisarmos algumas das ideias que implicam e perpassam a luta pela igualdade de gênero na sociedade italiana, a partir da e na língua italiana.

Observamos, antes de tudo, que a maioria dos comentários que desprezam (ou aparentam desprezar) o assunto são de homens (H), ainda que haja mulheres (M) que abranjam esse grupo. Por outro lado, a maior quantidade de comentários pró tema são de mulheres, com algumas exceções.

Dessa forma, selecionamos alguns comentários e os separamos em grupos. Começamos com aqueles que junto ao sexismo, trazem outros preconceitos. Neste caso, a xenofobia.

Solo a napoli succedono queste cose. a milano e al nord non è così (H)
Só em Nápoles acontecem essas coisas. Em Milão e no norte não é assim.

¹² Nos mesmos corredores os homens são chamados de doutores (tradução nossa).

¹³ Todos os comentários foram extraídos da publicação original do *La Repubblica* e podem ser visualizados através do link que consta no capítulo de referências bibliográficas, no subcapítulo sites consultados. Os nomes das pessoas usuárias foram preservados.

Temos também o fenômeno já apresentado anteriormente, o *benaltrismo*.

(10 emoji rido) *Per fortuna ci pensate voi alle questioni essenziali* (H)
(10 emojis rindo) Por sorte pensam vocês nas questões essenciais.

Credo che i problemi di parità di genere siano altri. Molto più importanti e molto più profondi! Credo che questi dibattiti, fin quando non si metteranno in parità altri diritti, siano poco utili. Se iniziassero a chiamarvi dottoresse e continuassero a mancarvi di rispetto cambierebbe poco. (H)

Acredito que os problemas de igualdade de gênero sejam outros. Muito mais importantes e muito mais profundos! Acredito que esses debates, até quando não se colocarem em igualdade outros direitos, são pouco úteis. Se iniciassem a chamar vocês doutoras e continuassem a faltar o respeito com vocês mudaria pouco.

Há, além disso, aquelas/es que na tentativa de refutar o argumento, reforçam estereótipos comuns direcionados às mulheres como, por exemplo, que elas seriam complexadas, exageradas, desocupadas ou que as relacione à vida privada e supostamente pacata/desinteressante. Há também o uso palavras de baixo calão para mostrar uma suposta indiferença no que se refere à discussão, além do uso de ironia, como no último comentário.

State complessate (H)
Vocês estão/são complexadas

Esagerate (M)
Exageradas.

Fatevi una tisanina e non rompete i coglioni (M)
Vai fazer um chazinho de ervas e não encham o saco

Che cazzo di polemiche inutili.... (H)
Que porra de polêmicas inúteis....

Quanto rompete il cazzo mamma mia (H)
Quanta encheção de saco meu Deus

Esempio palese di come non abbiano un cazzo da fare le signorine di Napoli....se lavorassero non avrebbero il tempo di pensare ha queste stronzate.... (H)
Exemplo evidente de como não tem nenhuma merda para fazer as senhoritas de Nápoles.... se trabalhassem não teriam o tempo de pensar nessas besteiras....

Scusi signorina (H)
Me desculpe senhorita

Conformismo também é uma das soluções sugeridas às médicas napolitanas. Afinal de contas, não se pode controlar as palavras a todo o momento com medo de ser apontado como sexista, intolerante. São elas que devem se adaptar (como sempre fizeram), não a pessoa sexista entender que precisamos atualizar nosso uso da língua e comportamento frente às mudanças sociais necessárias para a promoção da igualdade.

Penso che sia meglio chiamarle signorine che in un modo più maleducato. Non è discriminazione, ma solo un modo di dire. Non si possono sempre vedere nemici dappertutto. Sono polemiche gratuite e senza senso. Evidentemente sembra essere diventata una moda quella di cogliere discriminazione in ogni parola, un'isteria collettiva. Non posso sempre stare lì a misurare le parole con la paura di essere additato. (H)

Penso que seja melhor chamá-las de senhoritas em vez de um modo mais mal educado. Não é discriminação, mas somente um modo de dizer. Não se pode ver inimigos em todos os lugares. São polêmicas gratuitas e sem sentido. Evidentemente, parece ter virado uma moda essa de encontrar discriminação em cada palavra, uma esteria coletiva. Não posso medir sempre as palavras com o medo de ser julgado.

Apresenta-se até mesmo a conotação sexual do termo “*dottoressa*”, recuperada por uma mulher que se sente desconfortável ao ser chamada pelo termo. Tal desconforto é o resultado de uma sociedade sexista e patriarcal que ainda hoje discute se os nomes femininos de determinadas profissões são legítimos, mas que na seção a qual se refere à *donna* no dicionário (Trifone 2013) apresenta de modo expressivo formas preconceituosas e sexualizadas (o que não se constata com a palavra *uomo*).

Io ho 2 lauree e 3 master, ma quando mi chiamano “dottoressa” mi sa di porno. (M)

Eu tenho 2 graduações e 3 mba, mas quando me chama “doutora” me soa como pornô

Por sua vez, o comentário abaixo é o reflexo do conceito de que “*le parole nuove suscitano sempre sospetto nella comunità dei parlanti, che per istinto è conservatrice*” (GHENO, 2019). E embora isso seja verdade, não é motivo para que o assunto seja ignorado com as novas gerações. Na realidade, é só mais uma tentativa de desqualificar o argumento, através de uma argumentação fraca que se esconde atrás de uma piada. Um comportamento característico nas redes sociais.

Andate a spiegare a mio nonno la differenza e vediamo cosa vi risponde..... andate andate (due emoji ridendo) (H)

Vão explicar ao meu avô a diferença e vejamos o que ele responde para vocês..... vão vão (dois emojis rindo)

Por fim, temos pessoas que defendem a seriedade e importância da discussão. No primeiro comentário o usuário traz uma visão mais aproximada da observação predita por Gheno sobre a relação entre aceitabilidade de novos usos da LI e idade.

Non credo ci sia cattiveria, credo sia un riflesso indondionato¹⁴, specie negli over 60 dove le donne "dottoresse" non esistevano. Abituarsi al nuovo per le vecchie generazioni è sempre difficile (H)

Não acredito que seja maldade, acredito que seja um reflexo incondicionado, especialmente nos acima de 60 anos em que as mulheres “doutoras” não existiam. Se habituar ao novo para as antigas gerações é sempre difícil

Giustissimo. Quando vediamo un giovane dottore mica gli diciamo: Scusa, ragazzo... "È una questione di rispetto per ciò che in quel frangente rappresenta. (M)

Certíssimo. Quando vemos um jovem doutor não lhe dizemos: Com licença, garoto... “É uma questão de respeito pelo que representa nessa conjuntura.

Após a análise da notícia sobre as médicas napolitanas e a fim de aproximar o fenômeno no italiano e no português brasileiro (um dos nossos objetivos com o fim de realçar a importância da discussão nas duas sociedades, inclusive para estudantes de LI como língua adicional) citamos um outro acontecimento: a eleição da primeira presidenta eleita no Brasil em 2010, Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores), e da primeira presidenta eleita para o Conselho dos Ministros (CM) na Itália em 2022, Giorgia Meloni (*Fratelli d'Italia*). Nos dois países as eleições histórica das presidentas suscitaram uma discussão metalinguística a nível nacional e a qual iremos abordar a seguir.

Embora a discussão tenha sido em marcações de gênero em classes de palavras diferentes (no português a marcação deu-se no adjetivo presidenta/presidente e no italiano a marcação deu-se nos artigos e formas de tratamento *La (Signora) Presidente/Il (Signor) Presidente*), a imprensa de ambos os países veiculava os acontecimentos, tentando se adequar à novidade, buscando o conhecimento de linguistas, ou em manter em linha com a tradição sexista. Por outro lado, falantes pesquisavam nos buscadores on-line e discutiam nas redes e em seus grupos familiares e de amigas/os se suas respectivas línguas permitiam essa flexão de gênero.

Sabatini, já em 1987, apresenta a ideia de que há um pressuposto, nem sempre consciente, de que para aumentar o prestígio de determinado papel é preferível o título masculino ainda que o termo referenciado seja também flexionado no feminino ou, no caso do italiano, mesmo que seja um adjetivo epiceno o prestígio do masculino seja evidenciado através dos artigos e de outras palavras que acompanham o termo. O que se consolida com a primeira presidente para o CM eleita, em 2022.

¹⁴ *incondizionato

Esse pressuposto, se compararmos as figuras das presidentas, foi combatido por Dilma e sustentado por Meloni, mas as dúvidas sobre qual termo utilizar, como chamar as presidentas estiveram/estão presentes durante os mandatos.

Através de análise feita a partir do Google Trends, uma ferramenta que agrupa os termos mais pesquisados no buscador Google, pesquisamos nas regiões Brasil e Itália a ocorrência de três termos “presidente Dilma/presidenta Dilma/presidente ou presidenta” e “*il presidente Giorgia Meloni/la presidente Giorgia Meloni/il presidente o la presidente*”. As pesquisas foram feitas entre o período de 15/09/2009 a 15/01/2017 para a presidenta Dilma e de 15/09/2022 a 15/01/2023 para a presidenta do CM Giorgia Meloni. As datas compreendem poucos dias antes da eleição, a data da eleição e após essa.

A partir dos gráficos, concluímos que os termos mais buscados ainda são presidente/*il presidente*, sobretudo em momentos de não efervecência política na mídia. Contudo, no período eleitoral (sobretudo após a vitória), os falantes buscam uma resposta à dúvida posta justamente por causa da novidade que é mulheres ocuparem tal cargo.

Figura 3 - Gráfico Google Trends - Presidenta/e Dilma Rouseff

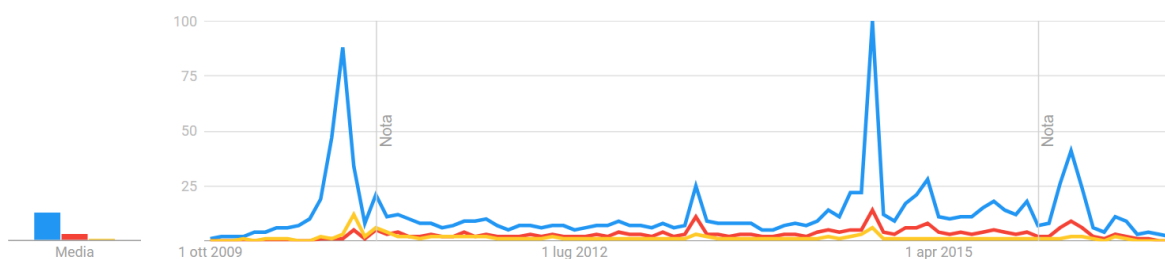
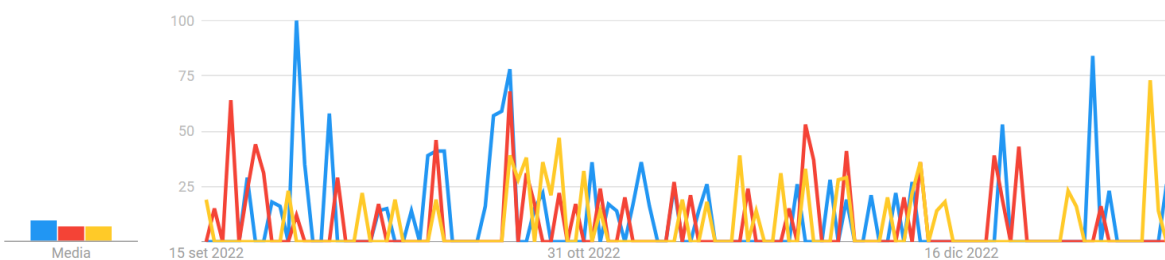


Figura 4 - Gráfico Google Trends - Il/La presidente Giorgia Meloni



Refutamos a ideia de que para essas profissões haja como única opção uma concordância com o gênero masculino no italiano ou que a única forma adequada no português brasileiro seja presidente. O que há é um ineditismo e, conseqüentemente, por esses cargos não terem sido antes representados por mulheres, um apagamento linguístico. Nomeamos aquilo que encontramos na nossa sociedade-mundo. Se as sociedades mudaram, é natural que as línguas acompanhem essas mudanças.

5 – ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO E RECOMENDAÇÕES PARA O ENSINO DE ITALIANO NO BRASIL PLURAL, CRÍTICO E INCLUSIVO

A análise e a proposta que serão apresentadas neste capítulo são o resultado de uma experiência individual, e orientada pela professora Annita Gullo e pelo professor Carlos da Silva Sobral da Faculdade de Letras/UFRJ, dentro do processo da iniciação científica e do projeto de extensão para formação inicial de professoras/es de italiano como língua estrangeira no CLAC/UFRJ, respectivamente.

Sendo assim, é importante salientar que não pretendemos exaurir a discussão, pelo contrário, nos propomos a continuar pensando o fenômeno na LI como língua adicional/estrangeira, como já o fazem professoras de LI no Brasil, como a Professora Doutora Cristiane Landulfo/UFBA.

Numa reunião, em 2020, das monitoras e monitores de italiano do projeto CLAC, foi trazido o questionamento de como, no nível 1, era abordado pelo livro o tema das profissões em italiano: as profissões *medico*, *avvocato*, *architetto* eram apresentadas como as formas masculinas e femininas dessas profissões, uma observação que já havia feito na reunião individual com meu então orientador.

Nessa reunião também foi compartilhado por um monitor que já havia uma versão atualizada do livro e que alguns alunos já a possuíam. Sabemos então que o livro em questão foi atualizado e agora compreende esses nomes de profissões no feminino, mas por ainda não termos acesso à nova versão, acreditamos que seja importante a análise do livro, já que esse ainda faz parte do nosso fazer docente. Além disso, salientarmos a importância da análise prévia dos materiais que utilizamos para, sempre que possível, trazermos conteúdos anexos às unidades didáticas. Estamos consonantes à afirmação de Landulfo *et al* de que

Os materiais didáticos de língua estrangeira atuais estão cada vez mais sofisticados no que se refere à instrumentalização do processo (estética, fontes complementares, conteúdos digitais, etc.), porém, ainda apresentam grande dissonância, na distribuição de categorias como nacionalidades, **profissões**, etnias, **distribuição de gênero**, dentre outras. (LANDULFO et al, 2018 p.60, grifo nosso)

Logo, partindo da análise do livro didático de italiano para estrangeiras/os, *Nuovo Espresso* 1 (ed. 2014), observamos – em consonância com a análise apresentada por Sabatini – o uso do masculino genérico, em todo o material, ao se direcionar às/aos estudantes a partir dos termos “*compagno/gli studenti*”, em exercícios de simulação como “*uno è il receptionist*,

l'altro il cliente” (p. 63) e da concordância verbal com o masculino quando há ao menos uma figura masculina sendo retratada “*dove sono i ragazzi?*” (p.56).

No segundo capítulo, “*io e gli altri*”, temos no sétimo exercício (p.21) a figura de quatro profissionais, das quais três são mulheres. Silvia Mannucci e Annalisa Razzauti, duas personagens do livro, são apresentadas como *avvocato* e *architetto*, respectivamente, reforçando a escolha das autoras pelo uso do masculino, nas mesmas profissões que durante séculos foram negadas às mulheres. A explicação mais aprofundada na página 156, reforça tal escolha e posicionamento. O livro trata o argumento como exceção à regra e não comenta a possibilidade de *avvocata/architetta*.

Há ainda a manutenção do gênero feminino em profissões e funções atribuídas, pela sociedade patriarcal, às mulheres como *segretaria, mamma, la baby-sitter* (p. 23; p.26 e 37; p.183). Na página 137, é informado às/aos estudantes que é uma tradição italiana que filhas mulheres cuidem de genitores idosos/doentes, sem nenhuma reflexão crítica do por quê isso acontece. Ocorrência bastante comum também no Brasil e, por isso, indicamos que possa ser interessante discutir essa e outras “tradições”.

Já no capítulo sobre a família, o primeiro exercício (p.130) traz, entre outras, a imagem da Deputada Licia Ronzulli que leva a filha, Vittoria, desde que nasceu ao Parlamento Europeu quando o pai vai trabalhar, com o título, em tradução livre, “Vittoria, a bebê que vota com a mãe no Parlamento”. O que parece deixar subentendido que a mãe não estaria de fato trabalhando ou então que se não há opção de onde deixar a criança, é sempre com a mãe que ela estará, já que seria esse o seu papel materno. Mais uma vez, a não reflexão do conteúdo apreendida traz uma ideia de naturalidade e aprovação do fato.

Todavia, algumas possíveis substituições, que promovem a igualdade de gênero, na LI também são apresentadas no livro como, por exemplo, o uso de “*in coppia*” (p.80) no lugar de “*Lavora con un compagno*” (p.79), a representação dos dois gêneros “*quelle monete sono per i baristi e le bariste*” (p.71) e as conjugações do *passato prossimo* com auxiliar *essere*, as quais têm os dois gêneros (*sono andato/a, siamo andati/e*).

Certamente, a última pela maioria de nós não é considerada nem mesmo uma promoção à igualdade de gênero, afinal, não há exatidão ao afirmar que é necessário apresentar às/aos estudantes de LI que existe tal concordância no verbo porque é uma das mais básicas regras gramaticais: no o *passato prossimo* com verbo auxiliar *essere* temos que concordar em gênero e número com o nome que acompanha o verbo. Mas esse tema pode nos ajudar a refletir sobre

o porquê existe resistência em privilegiar o uso dos dois gêneros com a separação de barras em outros contextos. Ou então engajar o uso de *avvocata*, *architetta*, *ministra*, *sindaca*, *medica*, *deputata*, legitimando-as.

Mesmo que compreendamos que nem sempre será possível aplicar as regras sugeridas por guias e linguistas, como no guia para o uso do gênero na linguagem administrativa da cidade de Florença – também escrito por Robustelli, Nicoletta Maraschio – então presidenta da *Accademia della Crusca* – escreve no prefácio

Molti concordano sul fatto che la pubblicazione di regole e di guide non è assolutamente sufficiente a eliminare le molte ombre di un quadro eccessivamente complesso e stratificato. Innanzi tutto, quelle regole e quelle guide dovrebbero nascere dalla confluenza di esperienze e competenze diverse. Inoltre, è necessario trasformare singole occasioni di confronto e di formazione in un lavoro approfondito e continuo, capace di modificare atteggiamenti culturali radicati. (MARASCHIO, 2018, p. 9)¹⁵

e que o uso das recomendações deva ser monitorado, afinal, não é porque agora sabemos da importância de trabalhar o tema na sala de aula que começaremos a usar os sufixos femininos sem um controle considerando as necessidades e dificuldades de cada nível de aprendizado ou criaremos nomes femininos mesmo quando esses forem epicenos – como tentam alguns com o objetivo de desqualificar a discussão criando *il pediatro/il giornalista* – (são exemplos quando Robustelli fala desse uso adequado em *Lingua e identità di genere* e quando Vera Gheno faz uso do masculino genérico para escrever o seu livro *Femmili Singolari*).

Entendemos que, assim como no setor público administrativo, na aula de italiano como L2 é importante que haja uma confluência do tema com todos os conteúdos abordados. Não é satisfatório apenas citar que a discussão existe na Itália ou trazer uma sequência de pode/não pode, mas sim propor às/aos estudantes um ensino de língua que seja inclusivo e plural em sua completude. Afinal, não devemos tratar o argumento da igualdade de gênero como um tema isolado, esse deve fazer parte da experiência das/os estudantes durante todo o contato e convívio com a língua e sociedade italianas, aproximando sempre que possível às suas vivências pessoais e coletivas.

¹⁵ Muitas pessoas concordam com o fato que a publicação de regras e de guias não é absolutamente suficiente para eliminar as muitas sombras de um quadro excessivamente complexo e estratificado. Antes de tudo, essas regras e esses guias deveriam nascer da confluência de experiências e competências diversas. Além disso, é necessário transformar singulares ocasiões de confronto de formação em um trabalho aprofundado e contínuo, capaz de modificar comportamentos culturais já radicados. (MARASCHIO, 2018, p. 9, tradução nossa).

Portanto, trabalhar com *Architetto o architetta?*, por exemplo, vai além de expor duas possibilidades e suas reverberações, mas pode ser considerada uma premissa para trabalhar questões que vão muito além da morfologia do italiano e que atraia para o processo de ensino e aprendizagem uma necessidade já apresentada por Landulfo et al (2018)

É urgente repensar o processo de ensino e aprendizagem de línguas em seus diferentes contextos sociais, culturais e políticos, considerando **gênero**, etnia e outras relações, bem como a concepção de sujeito como múltiplo e formado por diferentes discursos. (Landulfo et al, 2018, p.60)

6 – CONCLUSÃO

Nesta monografia, recuperamos o contexto histórico e social das mulheres italianas e na Itália, e suas reverberações na língua italiana. Para tal, recuperamos os estudos aprofundados das linguistas italianas Alma Sabatini, Cecilia Robustelli e Vera Gheno.

Em seguida, analisamos à luz da sociolinguística a interação da sociedade contemporânea com o tema igualdade de gênero na língua e analisamos o material didático usado no curso de extensão da Faculdade de Letras/UFRJ, o CLAC, defendendo a importância da escolha do material utilizado por nós, professoras e professores de italiano, assim como expondo a necessidade de ir além e entender as questões sociais e culturais da sociedade italiana na busca de significado nos textos apresentados nos materiais.

Durante o curso dessa pesquisa, houveram questionamentos pessoais como: será que, de fato, temos coisas mais importantes para nos preocuparmos? Não caberia uma discussão crítica do tema da igualdade de gênero comparando as diferenças e aproximações sociais das sociedades brasileira e italiana a partir da língua de origem até a língua alvo?

O resultado que alcançamos (até o momento), já é a resposta para tais perguntas e, embora seja um campo ainda pouco discutido no processo de ensino e aprendizagem de LI no Brasil, estamos cientes e, por isso, nos propomos a refletir a necessidade e importância em preparar professoras e professores, na formação inicial e em projetos de extensão universitária, para lidar com a ausência de abordagem crítica sobre o tema nos livros didáticos de italiano e a selecionar materiais que favoreçam uma educação não alheia aos conflitos da nossa sociedade-mundo.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7.1 REFERÊNCIAS

DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. *Grammatica italiana - con nozioni di linguistica*. 3. ed., Bologna: Zanichelli, 1995.

GHENO, Vera. *Femminili singolari: il femminismo è nelle parole*. 1. ed., Firenze: Effequ, 2019.

GHENO, Vera. *Verso l'inclusività linguistica e oltre*. Zanichelli Editore. 2021.

JERVOLINO, Rosa et al. *Le leggi delle donne che hanno cambiato l'Italia*. Roma: Fondazione Nilde Iotti, 2012.

LANDULFO, C.; CARAMORI, A. P.; VIANA, A. A pluralidade linguístico-cultural do italiano e o silêncio dos materiais didáticos. *Revista de Italianística, [S. l.]*, n. 36, p. 58-70, 2018.

LANDULFO, Cristiane. (Re)significando o ensino do italiano: práticas plurais, democráticas e reflexivas. *Revista Italiano UERJ*, Vol. 10 no 2, 2019. p. 97-115.

PALLOTTI, Gabriele. *La seconda lingua*. 3. ed., Milano: Bompiani, 2003.

ROBUSTELLI, Cecilia; GIACHI, Cristina, et al. *Linee guida per l'uso del genere nel linguaggio amministrativo: progetto genere e linguaggio: parole e immagini della comunicazione svolto in collaborazione con l'Accademia della Crusca*. Comune di Firenze, 2012.

ROBUSTELLI, Cecilia. *Lingua e identità di genere: problemi attuali nell'italiano In: Studi italiani di linguistica teorica e applicata*. 2000.

SABATINI, Alma, et al. *Il sessismo nella lingua italiana*. Istituto poligrafico e Zecca dello Stato, 1993.

ZIGLIO, Luciana; RIZZO, Giovanna. *Nuovo Espresso 1: corso di italiano A1*. Firenze: Alma Edizioni. 2014

7.2 SITES CONSULTADOS

BESSO, Claudio. I diritti delle donne in Italia: il percorso delle donne verso la parità di genere. 2020. Disponível em: <<https://www.donne.it/diritti-donne-italia>>. Acesso em: 22/11/2022.

D'ONGHIA, Silvia. La linguista Cecilia Robustelli: “Le parole discriminano le donne, ma non è colpa dell’italiano”. Disponível em: <<https://www.ilfattoquotidiano.it/in-edicola/articoli/2020/12/16/la-linguista-cecilia-robustelli-le-parole-discriminano-le-donne-ma-non-e-colpa-dellitaliano/6038424>>. Acesso em 18/11/2022.

F.Q. “In questi ambulatori non esistono ‘signorine’ firmato Le Dottoresse” a Frattamaggiore il cartello di protesta dei medici donna. Disponível em: <<https://www.ilfattoquotidiano.it/2021/05/13/in-questi-ambulatori-non-esistono-signorine-firmato-le-dottoresse-a-frattamaggiore-il-cartello-di-protesta-dei-medici-donna/6197181>> Acesso em 04/01/2023.

RAICALDO, Pasquale. Post. Publicado em: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/COuoF2boDd7>>. 2021. Acesso em 31/08/2021.

ROBUSTELLI, Cecilia; MANUELLI, Maria Teresa, et al. *Donne, grammatica e media: suggerimenti per l’uso dell’italiano*. Gi.U.Li.A. Giornaliste, 2014.

ROBUSTELLI, Cecilia. Il genere femminile nell’italiano di oggi. 2020. Disponível em: <<https://www.raiplay.it/video/2020/06/maestri-cecilia-robustelli-il-genere-femminile-nell-italiano-di-oggi-655af35e-df25-420d-ad73-e727586a22b9.html>>. Acesso em: 31/08/2021.

TRENDS, Google. Presidente Dilma/Presidenta Dilma/Presidente ou presidenta. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2009-09-15%202017-01-15&geo=BR&q=presidente%20dilma,presidenta%20dilma,presidente%20ou%20presidenta>>. Acesso em 15/01/2023.

TRENDS, Google. Il presidente Giorgia Meloni/La presidente Giorgia Meloni/Presidente o presidenta? Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2022-09-15%202023-01-15&geo=IT&q=il%20presidente%20giorgia%20meloni,la%20presidente%20giorgia%20meloni,il%20presidente%20o%20la%20presidenta>>. Acesso em 15/01/2023.

7.3 REFERÊNCIAS RECOMENDADAS

BERRUTO, Gaetano. *Sociolinguistica dell’italiano contemporaneo*. Roma: Carocci, 2012.

FORMATO, Federica. *Gender, Discourse and Ideology in Italian*. Lancaster: Palgrave Macmillan, 2019.

VAGNOLI, Carlota. *Maledetta sfortuna. Vedere, riconoscere e rifiutare la violenza di genere*. Milano: Fabbri Editori, 2021.